

As manifestações precoces da psicopatologia do contato afetivo

Prefácio

Uma das tarefas deste milênio que principia, parece-me ser a de detectar, nos primeiros meses de vida, os albos das patologias graves do contato afetivo. Antes do término da maturação do sistema nervoso central, ainda é possível intervir para, que no *pólo alucinatório de satisfação*, possam se inscrever a relação ao Outro e suas *coordenadas de prazer*.

Se o bebê não as puder alucinar, *nenhum mundo de referência humana pode se organizar* diz Lacan¹ quando se refere a este *pólo alucinatório de satisfação* que só pode se constituir na experiência do bebê com aquele que ocupa o lugar do Outro - que Freud em seu *Projeto de uma psicologia científica* chama de *Nebenmensch*, o Próximo atento ao bebê. Trata-se praticamente do único texto em que Freud concebe o aparelho psíquico constituindo-se na relação com o Próximo.

O professor Serge Lebovici apostava na possibilidade de reverter inteiramente o quadro de um início de autismo se o analista pudesse intervir na relação pais-bebê antes de um ano de idade. Na Europa, o diagnóstico deste tipo de distúrbio é feito, em geral, em torno dos três anos de idade. Tarde demais para se evitar a instalação completa do síndrome². Um trabalho piloto vem sendo desenvolvido por um grupo de psicanalistas na França no intuito de ensinar aos médicos a reconhecerem os sinais destes distúrbios antes de nove meses. Os primeiros bebês sofrendo desta patologia do contato afetivo, que puderam ser atendidos com seus pais mostraram que, de fato nesta idade, é muito mais fácil estabelecer o contato afetivo e permitir a instauração de um circuito pulsional. Como? Por quê? Mira nos traz neste livro os elementos conceptuais que permitem abordar estas questões.

Mas ela também nos conta que no Brasil o diagnóstico é frequentemente feito em torno dos seis ou sete anos e que, com sorte, o tratamento pode ser instalado um a dois anos depois. Parte-se pois, no Brasil, de experiências clínicas bem diferentes das metas que se tenta atingir, hoje, na Europa. O trabalho de Mira se apresenta como uma passarela permitindo caminhar na direção almejada.

¹ Seminário da ética da psicanálise, lição de 9 de dezembro de 1959

²² Os cognitivistas ingleses conseguiram validar um teste para 18 meses, o C.H.A.T, o que vai provavelmente baixar a idade média do diagnóstico.

Ela retoma uma série de hipóteses teóricas sobre as condições mesmas da constituição do aparelho psíquico de um bebê, condições que, se ausentes, poderiam dar conta do estabelecimento de distúrbios graves, inclusive na área cognitiva. Quando Mira deixa a questão etiológica aberta – quando ela não afirma o porquê da ausência da relação pulsional - ela toma uma posição de vanguarda. Frente ao problema da etiologia de uma patologia tão complexa como o autismo, um certo número de especialistas e de clínicos optam atualmente por uma posição de “douta ignorância”, segundo Lacan³ a mais propícia à aquisição de algum saber novo.

O que interessa é mostrar que a ausência da relação ao Outro vai ter consequências graves para o desenvolvimento psíquico do bebê. Neste intuito, Mira vai cruzar dois textos de Freud : *Pulsão e seus destinos* e o *Projeto*. Este último - onde Freud mais falou da importância do Outro (*Nebenmensch*) na constituição do pólo alucinatorio de satisfação, central para que todo o sistema do pensar inconsciente possa vir a se constituir - é um texto bastante árido. Primeiro esboço de um andaime metapsicológico da constituição do aparelho psíquico, este livro vai incitar-nos a tentar reconstruir este andaime, e provavelmente mais de uma vez. Mira tem razão de propor um destrinchamento deste texto porque, malgrado o fato de ser árduo, ele é incontornável quando se lida com a psicopatologia do precoce.

A parte seguinte de seu livro é consagrada à história do conceito em pesquisa clínica e psicopatologia, é o ônus pago ao lado universitário de seu trabalho : trata-se de uma tese de mestrado. Isto a obriga a retomar a história do conceito de autismo e das diferentes escolas psicanalíticas que lidaram com esta clínica.

A contribuição mais pessoal e enriquecedora para todos os leitores se encontra na segunda parte do livro, quando Mira aborda a questão da transferência de um analista diante de uma criança autista. Robson Francisco vai se revelar um poço de ensinamentos graças à escuta criativa de Mira.

Na instituição onde ela o atendia, sabia-se que Robson estava chegando, por se ouvir um “*quem matou Jorge Tadeu?*”, frase extraída de uma novela da época e repetida de maneira ecológica. Longe de se reduzir a uma estereotipia verbal, este enunciado vai se revelar, na terapia com Mira, portador da verdade da história deste garoto. Como sua mãe morrerá durante o parto, Robson fora criado pela tias que se comportavam como se Jorge, seu pai, jamais houvesse existido. Mas, na história familiar, este lugar impossível para um homem já

³ *Douta ignorância* é empregada aqui, no sentido proposto por Nicolas de Cues, em contraponto à postura da *ignorância docens* com a qual, no início do Renascimento, os mestres da escolástica tentavam impedir novas descobertas.

vinha se repetindo nas gerações precedentes. Uma outra frase ecológica e reiterativa de Robson passa então a ser significativa: « *Deus me livre desta linha direta!* ». Quando Mira decifra, interpreta, para este garoto suas frases ecológicas, ela as alça à nobreza de cadeias significantes, permitindo-lhe construir, pouco à pouco, uma narração de sua trágica história. Graças à tradução permanente que sua psicanalista lhe oferece de suas produções sonoras, gestuais e gráficas, Robson Francisco vai poder “transportar” em seus caminhões – chiste que ele mesmo produz - o impossível ao qual estava reduzido, inscrevendo-o de inúmeras outras maneiras. E as paredes da instituição se cobrem de seus inventivos caminhões. Caso apaixonante, pela criatividade do garoto possibilitada pela surpresa admirada de sua analista diante de suas produções. O que Robson traduz cantando : “*Será que foi ouvir sessão que atuou magia?*” Mas para isto, foi preciso que o analista se deixe afetar e transformar por imagens que se processavam nela, como um sonho não sonhado diz Mira, produzindo respostas que ela desconhecia antes as dar.

Talvez fosse possível pensar que, numa criança autista, os enunciados ecológicos testemunhariam de um defeito de organização do registro propriamente inconsciente – como lugar do recalçado e de seus deslocamentos e condensações. Pedacos do discurso corrente - real da linguagem às soltas nas propagandas e frases da televisão – viriam então colar-se aos signos perceptivos engramados no aparelho psíquico da criança, impondo-se a ela. Ao serem processados pelo aparelho de interpretar do inconsciente do analista, poderiam encontrar seu valor de cadeia significante e serem então resgatados pela criança. Lendo este e os outros casos clínicos, o leitor terá decerto no leitor outras ideias.